

## Editorial

Com alegria a *Tabulae – Revista de Philosophia* oferece sua edição número XIII. Com o intuito de continuar abrindo janelas para o mundo, nossos colaboradores trazem reflexões de diversas áreas da Filosofia.

Iniciamos nosso percurso reflexivo com um tema ligado ao autor brasileiro Hilton Japiassu – **“Uma Leitura fenomenológica da interdisciplinaridade em Hilton Japiassu.”** Os pesquisadores Adriano André Maslowski e Silvestre Grzibowski tratam do tema da interdisciplinaridade sob o foco da fenomenologia. Com isso, os autores procuram fundamentar a ideia contida no filósofo de que o sistema educacional brasileiro, a partir da orientação disciplinar é um modelo de “metodologia extrapolada”. Ainda de acordo com o pensador Japiassu é importante ressaltar que à semelhança da epistemologia que não se coloca nem antes nem acima da ciência, o ensino não deveria priorizar a narração fria dos fatos sem a concomitante interpretação, para o que, deve-se abrir mão da interdisciplinaridade que por sua vez deve vencer os limites do vir-a-ser que se propaga através da aura enigmática com a qual se veste o tema.

No segundo artigo, Bortolo Valle e Edimar Inocêncio Brígido apresentam o neowittgensteinianismo como contraponto da definição de Arte desenvolvida no século XX com o artigo intitulado **“O neowittgensteinianismo contra a definição de arte.”** O movimento reflexivo utilizado por esta corrente tem interferência

significativa sobre a orientação tomada pelos estetas na discussão sobre a diferença da arte e a não arte contribuindo assim com a ideia de que a arte, dada sua natureza, não pode ser sequer definida, uma vez que a definição pode frear a possibilidade de mudança e recriação próprias da arte. O estudo apresentado neste artigo pretende ainda refletir sobre as duas tentativas de solução para o dilema. Uma que apresenta a arte como um conceito aberto e a outra, influenciada por Ludwig Wittgenstein, que toma como pressuposto o método das Semelhanças Familiares, tema que também será objeto deste artigo. É incontestável que no século XXI muitas manifestações pretendem receber o estatuto de arte fugindo muitas vezes dos padrões definidores da mesma, o que torna o assunto, que já era controverso, ainda mais interessante.

Seguindo com o filósofo Wittgenstein, agora numa linha de pesquisa diferente e não menos atual, Karyn Cristine Cavalheiro mergulha no campo da Lógica com o artigo **“Wittgenstein e Kripke e o problema da linguagem privada”**. A autora está interessada em tratar do abismo existente entre o emissor de uma informação e o conteúdo compreendido pelo receptor quando se trata de uma informação relativa a um sentimento do emissor. Em Wittgenstein, esse tema é tratado na obra *Investigações Filosóficas*, no problema chamado “Argumento da Linguagem Privada”. Com relação a objetos, a convenção resolve o problema, uma vez que nos ensinam o que é uma cadeira e sempre que encontrarmos um objeto similar saberemos se tratar de uma cadeira, mas sobre o que só temos acesso individual isso não seria possível. Kripke, neste momento, vê dificuldade de “como seguir uma regra”, o que apresenta com o conhecido nome de “Paradoxo do cético”. A partir disso, Kripke afirma que, dada a dificuldade para se encontrar bases fixas para considerar o que estamos falando a linguagem carece de sentido, ou seja, não é capaz de reproduzir o mundo que tentamos expressar. Neste artigo, a autora tentará analisar o problema e uma possível solução.

No artigo intitulado “**A crítica de G. K. Chesterton ao princípio da Dúvida na Filosofia Cartesiana**”, a professora Ângela Luzia Miranda e Felipe Sérgio Koller tratam de um tema arguido pelo pensador inglês relativamente ao pressuposto da existência da realidade para o desafio de filosofar. Esta tese ficou conhecida como a adesão aos “primeiros princípios” e se contrapõem a tese cartesiana de que seria o contrário, ou seja, que o pressuposto da existência, seria o pensamento e não a realidade. É fato que Chesterton assinala sobre a impossibilidade de se comprovar tal princípio, mas que devemos abrir mão desta exigência e aceitá-lo sob pena de, se não o aceitarmos, chegar a um ceticismo infértil do qual resulta a atitude de não reconhecer nada como verdadeiro e por consequência, viver numa profunda desorientação moral e existencial.

Fábio Gumieiro, autor de “**Religião na Mídia: Uma reflexão a partir de Mircea Eliade**” trata de um tema muito atual que é a inserção da religião na Mídia, ou ainda mais, o uso da Mídia como ferramenta para a religião, o que acaba por causar a Espetacularização do Sagrado. A questão central para o autor é discutir um problema latente – da possibilidade de haver lugar para o sagrado quando da espetacularização feita com o auxílio da mídia que se apresenta como um novo modelo de pregação religiosa. O autor quer destacar, para que façamos uma leitura adequada do texto, que o artigo faz referências constantes ao homem religioso, mas que não descarta a existência do homem não religioso, para o qual estes temas não são relevantes.

Para tratar de dois temas relacionados – liberdade e política e ao mesmo tempo recolocar sua relevância, Aline Soares Pereira de Menezes, em seu artigo “**Hannah Arendt crítica da Modernidade e do Liberalismo**” discute, a partir do pensamento de Arendt a necessidade do retorno da Liberdade à Política como pressuposto para enfrentar os “escombros de um mundo em crise”. Segundo a mesma, há necessidade premente de se contrapor

o conceito liberal de liberdade com o conceito arraigado na Antiguidade Clássica em que havia uma participação mais direta e real das pessoas na Política. Esta postura foi suplantada pelo modelo de liberdade nascido com a modernidade que define a mesma a partir do âmbito do indivíduo, fragilizando-a. O objetivo desta reflexão é compreender como a modernidade afastou-se dos conceitos de Liberdade e Política e sua relação.

Finalizamos esta edição da Tabulae com o artigo “**Classe dominante, mandonismo e bacharelismo**” dos autores Henry Levi Kaminski e Ricardo Costa de Oliveira. Nele os autores tratam dos elementos presentes no título, no Brasil, entre o período colonial e a primeira república. Com este estudo, os autores gostariam de “compreender os mecanismos de formação, reprodução e manutenção dessas famílias na retenção do poder e ocupação de posições dominantes principalmente no Poder Judiciário e Legislativo.”

Esperamos levar ao leitor um pouco mais de filosofia. Boa leitura a todos!

*Eli Carlos Dal’Pupo*